

VINOTÍCIAS

O MUNDO DO VINHO EM SUAS MÃOS



"OS VINHOS DO LANGUEDOC" - POR MÁRCIO OLIVEIRA

NESSA EDIÇÃO



06

"OS VINHOS DO LANGUEDOC" - POR MÁRCIO OLIVEIRA

**"ETNA, REGIÃO DA ITÁLIA EM ERUPÇÃO"
- POR JORGE LUCKI**



10



Pão de Açúcar

**"O PLANO DO PÃO DE AÇÚCAR PARA VENDER
R\$ 1 BILHÃO EM VINHOS ATÉ 2023" - POR
SUZANA BARELLI**

11

03 VINHO DA SEMANA

06 ARTIGO

10 SELEÇÃO DE ARTIGOS

14 VIAGENS

16 VINHO E CULTURA: DICA

Alguns leitores do VINOTÍCIAS solicitaram que eu sugerisse um vinho por semana, anotando notas de degustação e onde comprar. Vão aí mais vinhos para encher as taças. A lista de 2015 contemplou 260 rótulos diferentes e a de 2016 alcançou 156 vinhos. Em 2017 degustamos 786 vinhos em degustações com Confrarias, e listamos mais de 180 rótulos sugeridos como vinhos da semana! No ano de 2018 chegamos a mais de 1000 rótulos e sugerimos 252 vinhos da semana. Em 2019 provamos 1.120 vinhos diferentes nas diversas Confrarias que orientamos e sugerimos 142 rótulos como vinhos da semana. Os vinhos geralmente são provados em degustações promovidas semanalmente, sendo a grande maioria delas realizadas às cegas.

** A pedidos, introduzimos uma escala que relaciona o vinho e preço, segundo a escala:

- Até R\$75 - \$
- Entre R\$75 e R\$ 150 - \$\$
- Entre R\$ 150 e R\$ 250 - \$\$\$
- Entre R\$ 250 e R\$ 500 - \$\$\$\$
- Entre R\$ 500 e R\$ 1.000 - \$\$\$\$\$
- Acima de R\$ - Estelar !

RIBOLLA GIALLA 2020 VILLAGGIO CONTI – SERRA CATARINENSE - BRASIL

A visita de Humberto Conti ao enólogo Josko Gravner na Itália, que a utiliza a casta para elaboração de vinhos “laranjas” foi decisiva para a escolha deste varietal, honrando as tradições italianas do vinhateiro brasileiro. Há uma consideração que a uva seja de origem grega, da ilha de Cephalonia, mas é certamente o destaque na região do Friuli, no nordeste da Itália. Ela também é encontrada no litoral da Eslovênia, onde é conhecida como Rebula. A produção anual deste rótulo é de 1500 garrafas. Colheita e seleção manual dos cachos. O mosto foi fermentado em barricas de carvalho francês onde permaneceu por 3 meses, e também sofreu a fermentação malolática, o que traz a untuosidade do vinho. Após a malolática, permaneceu 6 meses estabilizando junto as borras no frio de São Joaquim.

Uvas: 100% Ribolla Gialla

Notas de Degustação: Cor amarela clara com alguns reflexos esverdeados, denotando claramente a jovialidade do vinho. Notas de floral de “dama da Noite”, de jambo, aromas de fruta cítrica como limão siciliano, de tangerina, e frutas de polpa amarela como damasco. A complexidade evolui no sentido de especiarias doces como baunilha e torrefação, mostrando que o vinho passou por madeira. No paladar de boa intensidade o vinho repete o perfil aromático e mostra um toque mineral. É um belo vinho branco, com boa acidez e estrutura, untuoso e com final persistente na boca. Fresco, equilibrado para a dureza. Apesar de ser um vinho branco tranquilo, me remeteu aos vinhos laranjas! E daí levar em conta que algumas pessoas irão amá-lo e outras não!

Estimativa de Guarda: Pronto para beber, mas aguenta mais uns 4 anos fácil.

Reconhecimentos e Prêmios: WBA 2019: Safra 2017 – Melhor Branco Outras Castas; WBA 2020: Safra 2018 – Melhor Branco Outras Castas;

Notas de Harmonização: Perfeito para harmonizar com carnes brancas e peixes grelhados ou assados, massas com molhos brancos pouco a médio condimentados, carnes de frango e porco. Acompanhou muito bem uma casquinha de Siri.

Serviço: servi entre 8 e 10°C, numa taça grande.

Faixa de Preço – \$\$

SHOW ME THE WINE – Contatos com Flávio pelo celular: 99904-5238.



ROPITEAU BOURGOGNE 2017 – BORGONHA – FRANÇA

Em 1848, o jovem Jean Ropiteau, então com 24 anos, fundou com os seus cunhados a sua Casa Mercantil do Vinho. No início do século XX, a Casa continuou em expansão, mas permaneceu fiel aos seus valores. Posteriormente, em 1940, seu bisneto, Auguste Ropiteau, adquiriu as atuais adegas de Meursault por um baixo preço. Esta aquisição foi um sucesso tão grande que hoje o nome Ropiteau Frères se tornou sinônimo de “bons vinhos de Meursault”.

No cemitério da aldeia, a lápide de Marguerite Ropiteau (esposa de Jean), tem duas letras gravadas: SG. Estas letras representam “Sauva les Genevrières” e fala da batalha inegavelmente implacável liderada por esta notável mulher para manter a classificação de Premier Cru para este terroir. A vinícola produz vinhos em 19 denominações da Borgonha.

Uvas: 100% Pinot Noir.

Notas de Degustação: Pinot Noir da Borgonha com cor típica da casta, sob a forma de um vinho mais claro. Os aromas são de frutas frescas como cereja, framboesa e morango, associadas a leve nota mentolada ou herbácea, com toques de especiarias como a baunilha. No paladar, os taninos são macios, e o sabor repete as notas frutadas, com acidez equilibrada e boa persistência. Fim de boca mostrando toque da madeira. Um Borgonha francês com bom custo- benefício.

Estimativa de Guarda: Está pronto. A estimativa de guarda é de 6 anos após a safra. Portanto, para beber até 2023!

Notas de Harmonização: Perfeito para harmonizar com carnes vermelhas grelhadas ou assadas. Assado e carré de cordeiro, risoto de funghi, marinada de legumes e cogumelos, risoto primavera com tiras de mignon, chester ao forno, medalhão de filé-mignon, e queijos de massa no limite meio curada.

Serviço: servi entre 15 e 16°C, numa taça grande.

Faixa de Preço – \$\$

WINE – Rua Alvarenga Peixoto, 655 – Lourdes – Tel.: (31) 2527 9100



OS VINHOS DO LANGUEDOC

POR MÁRCIO OLIVEIRA

Dando continuidade as dicas de “vinhos fora do radar”, vamos comentar algumas regiões menos conhecidas no Mundo do Vinho, e como prometido, hoje escrevemos sobre o Languedoc.

A metamorfose do Languedoc, antes uma terra de vinhos em quantidade, agora foi estabelecida. Em linha com este movimento, os seus melhores viticultores levam os vinhos a um patamar cada vez mais elevado. Essa é uma das grandes lições dos últimos anos. Os melhores viticultores do Languedoc atingiram uma qualidade e estilo que finalmente lhes permite libertar-se da influência dos vinhos de Bordeaux, Rhône ou Borgonha para definir a sua própria identidade vínica regional.

Na verdade, é uma continuação lógica da revolução que começou há trinta anos. Cansados de uma produção centrada em vinhos ricos em álcool e sem muito interesse gustativo, vários viticultores apaixonados e sobretudo convencidos do potencial dos seus terroirs demonstraram que podem produzir grandes vinhos no Languedoc. Abandonando a planície e reinvestindo nas melhores encostas, impuseram rapidamente os seus vinhos nas provas.

Jancis Robinson costuma dizer que o Languedoc é seu lar francês adotivo. Ela o vê como a Provence sem turistas, sem muitos visitantes, ou empurrando os preços dos vinhos para cima e sem, lamentavelmente, o cheiro onipresente de lavanda, tomilho e pinheiros. É, no entanto, a região vinícola arquetípica do Mediterrâneo, com paisagens selvagens, a Espanha logo acima dos Pirineus e vinhas que se estendem em todas as direções. Aquelas que se estendem pelas terras mais planas, notadamente as vastas e áridas planícies entre Narbonne e Montpellier, são as principais responsáveis pela produção ainda significativa da França de tinto leve básico Vin de France (antes o onipresente Vin de Table) e, portanto, por grande parte do vinho europeu.

A maior região vinícola do mundo, uma faixa de monocultura em volta da costa mediterrânea ocidental da França, também é, finalmente, importante no mercado internacional de vinhos - para não dizer vital para o futuro econômico da produção de vinho europeia.

Embora o Languedoc tenha sido a primeira região francesa a ser introduzida na viticultura e na produção de vinho pelos gregos e romanos, sua reputação moderna como produtora de vinho se devia à quantidade em detrimento da qualidade. Foi por volta do século 5 a.C, que os gregos descobriram o potencial das terras de Languedoc para o cultivo das vinhas.

Depois que as ferrovias chegaram a essa parte do sul da França, ela foi desenvolvida como uma “fábrica ao ar livre”, produzindo grandes quantidades de vinho tinto claro e leve para serem enviadas para o norte do país, recentemente industrializado. As vinhas nas encostas plantadas pelos romanos foram rapidamente inundadas pelo mar de vinhas muito menos exigentes estabelecidas na vasta planície costeira.

As safras eram tão altas (frequentemente muito mais do que 200 hl/ha) e as variedades de uva tão ignóbeis que a França passou a depender da importação de vinho tinto robusto e de cor profunda da Argélia e depois da Itália e da Espanha para aumentar a produção do Languedoc. As cooperativas estabeleceram-se como a força dominante, e ainda a grande maioria dos viticultores, pequenos proprietários camponeses em sua maioria, não tinha nenhuma experiência técnica em vinificação.

Na década de 1980, o Languedoc produzia regularmente 10% de toda a produção de vinho do planeta, mas à medida que a década avançava e o consumo francês de Vin de Table básico despencava, ficou claro que não havia futuro aparente a longo prazo para esse tipo de vinho na qual a economia rural do Languedoc foi baseada.

Hoje, um dos problemas mais urgentes da França é como transformar o Languedoc (e o sul da Itália e muitas partes da Grécia, Espanha e Portugal) de uma região de milhares de vinhedos que produzem vinho que ninguém quer beber em uma vinha muito menor, na qual talvez centenas de produtores concentram-se nos vinhos de média e alta qualidade de que a região é comprovadamente capaz.

Os xistos e colinas cobertas de garrigue das denominações Fitou, Corbières, Minervois e Languedoc são o lar de algumas das vinhas mais antigas da França, principalmente tocos retorcidos de Carignan, que escoam um mosto superconcentrado, muitas vezes supertânico de tom rubi profundo, adequado para se misturar com vinhos de outras variedades da mesma forma como se faz no Vale do Rhône.

Desde a década de 1990, o Languedoc vem produzindo dois tipos de vinho, entre os quais estão algumas das garrafas de melhor valor do mundo: não apenas esses e outros vinhos de denominação, mas membros da categoria abaixo, IGP Pays d’Oc - anteriormente Vin de Pays d’Oc - que se tornou o produto individual mais importante da região, e uma série de outros vinhos IGP geograficamente mais específicos, muitos deles vendidos como varietais, vinhos que recebem o nome da variedade de uva da qual são feitos principalmente. Uma denominação recente, Languedoc, pode conter uma mistura de vinhos de qualquer parte de todas as regiões de Languedoc-Roussillon.

Esta é uma região de vinhos tintos, embora pequenas quantidades de rosé (principalmente de Cinsaut, Syrah e Grenache) e brancos cada vez mais interessantes sejam feitos (a partir de uma mistura de variedades como Grenache Blanc, Bourboulenc, Rolle, Maccabéo (Viura de Rioja), Marsanne e Roussanne do Rhône e as variedades locais Picpoul, Terret e Clairette).

O velho e resistente Carignan ainda constitui a espinha dorsal de muitos tintos do Languedoc, mas a proporção das chamadas “variedades melhoradas” aumentou consideravelmente nos últimos vinte anos. Entre elas está a Grenache, Mourvèdre e, particularmente, Syrah. Graças à influência do sul do Rhône a leste desta enorme extensão de vinhas, a Grenache predomina no leste do Languedoc, enquanto a Syrah é mais importante no oeste. A Mourvèdre de amadurecimento tardio é restringida para os locais mais quentes.

Os preços de venda têm sido muito baixos, o que colocou um freio natural na modernização das vinícolas muitas vezes primitivas do Languedoc. Desengaçadeiras e barris de carvalho não são de forma alguma tidos como certos, e o hábito predominante tem sido vinificar cachos inteiros de Carignan em uma versão da maceração carbônica no estilo de Beaujolais para suavizar seus taninos frequentemente ásperos. As vinificações estão se tornando mais sofisticadas, no entanto, e os melhores vinhos oferecem uma estrutura semelhante ao vinho de Bordeaux (raramente mais de 13,5% de álcool) com sabores mais selvagens e mediterrâneos - a preços raramente mais caros do que um AOC Bordeaux.

Ainda há uma grande quantidade de “vinho commodity” no mercado, normalmente Corbières e Minervois, que está apenas um passo à frente do Vin de France básico e não tem nenhum caráter regional além da cor clara e uma ausência de sabor mais efetivo.

A região ainda é dominada por cooperativas de vilarejos que carecem de experiência em marketing, mas há cada vez mais exceções a essa regra, e a terra ainda é barata o suficiente para atrair indivíduos ambiciosos para iniciar seus próprios empreendimentos de vinificação.

Uma jovem geração soube produzir vinhos, sobretudo tintos, que correspondem à personalidade da região: um caráter generoso, sem desequilíbrios nem peso, e uma paleta aromática mediterrânica. Certos debates entre variedades de uvas e denominações em torno da noção de terroir são obsoletos: o estilo vai muito além da estrutura da variedade de uva. O renascimento de variedades de uvas “autóctones” ou pelo menos “distintas”, como Carignan, Cinsault, Macabeu, Grenache Gris, ou mesmo Ribeyrenc, Carignan Blanc ou Terret, está, no entanto, provando ser uma coisa excelente para Languedoc.

Os tintos parecem em geral, de um nível superior ao dos brancos e rosés. Aos poucos, os modelos de produção vão evoluindo, com o advento de grandes safras não amadeiradas. Porém, o estilo amadeirado, extraído, amadeirado, herdado dos anos 90 a 2000, ainda existe e funciona em alguns mercados.

O último avatar dessa evolução, a multiplicação de denominações. Claro, isso sublinha a ambição de identificar melhor os melhores terroirs no Languedoc, mas, infelizmente, falta consistência geral na classificação desses AOCs. Alguns surgem naturalmente graças à vontade coletiva de produtores ambiciosos, mas outros ainda lutam para se afirmar. Levará alguns anos para que tudo isso aconteça. Por fim, para além das denominações, alguns viticultores já não hesitam em abandonar as algemas das AOCs para desenvolver cuvées mais pessoais. Isso confunde ainda mais nossa visão da hierarquia dos vinhos do Languedoc.

Em trinta anos, o vinhedo do Languedoc passou por uma profunda reestruturação, passando de 450.000 para 218.000 hectares. Hoje, ele vem nestas categorias principais.

VINHOS SEM INDICAÇÃO GEOGRÁFICA - Antes predominante, essa categoria hoje representa apenas 7% da produção. Certos viticultores, que desejam sair do sistema de denominações, produzem ali vinhos às vezes muito caros.

IGP D’OC - Essa categoria representa cerca de 75% da produção. Agrupa vinhos que não beneficiam de um COA. Embora exista um nome genérico Pays d’Oc IGP cobrindo todo o Languedoc, há uma subdivisão para cada departamento (IGP Hérault, IGP Aude ...). Finalmente, Languedoc se beneficia de uma série de nomes locais: IGP Haute Vallée de l’Orb, IGP Côtes de Thau ...

O NOME REGIONAL LANGUEDOC - Desde 2007, houve uma nova grande denominação regional que cobre todo o vinhedo, o AOC Languedoc. Destina-se a vinhos básicos e também substitui o antigo nome: AOC Coteaux du Languedoc.

Juntamente com o nome de AOC Languedoc, esses nomes identificam doze setores. Encontramos assim o AOC Languedoc-Quatourze, Languedoc-Pézenas, Languedoc-Grés de Montpellier, Languedoc-Sommières, Languedoc-Cabrières, Languedoc-Saint-Saturnin, Languedoc-Montpeyroux, Languedoc-Saint-Georges-d’Orques, Languedoc-La Méjanelle, Languedoc-Saint-Drézéry, Languedoc-Saint-Christol.

AS AOC’s (Denominações de Origem Controladas):

Cabardès: denominação de tintos e rosés, que combina variedades de uvas “atlânticas” (Cabernet, Merlot, Malbec) com variedades de uvas “mediterrâneas” (Syrah, Grenache). Algumas áreas se destacam, mas ainda há muito trabalho a ser feito.

Malepère: reconhecida desde 2007, esta denominação requer pelo menos 50% de Merlot em seus tintos. As adegas cooperativas são muito dominantes, com produção em massa. Duas ou três boas áreas surgiram recentemente. Malepère e Cabardès são zonas vinícolas gêmeas ao sul e ao norte da cidade murada de Carcassonne, que podem produzir alguns tintos relativamente simples e de excelente valor, nos quais as uvas do sudoeste da França (Cabernet, Merlot, Malbec (Côt) e Fer) são misturadas com as do Languedoc.

Limoux: Imediatamente no interior de Corbières estão as colinas mais suaves responsáveis pelos Blanquette de Limoux e Crémant de Limoux, os vinhos espumantes de método tradicional muito úteis do Languedoc. O primeiro é feito principalmente da uva Blanquette da região (o Mauzac de Gaillac), o último inclui substancialmente mais Chardonnay e Chenin Blanc e é um produto menos distinto, mas provavelmente mais sofisticado. Limoux em si pode ser uma fonte de Chardonnays ainda fermentados em barris de bom valor, e alguns finos Pinot Noir também são cultivados aqui.

Picpoul de Pinet: pequena denominação costeira para vinhos brancos, com um estilo tônico e por vezes espumante, dedicada às ostras Bouzigues.

Pic-Saint-Loup: localizado ao norte de Montpellier, encostado ao sopé de Cévennes, Pic-Saint-Loup é uma denominação própria desde 2016, reconhecida por seus vinhos tintos finos e estruturados feitos principalmente de syrah e grenache.

Saint-Chinian: este vinhedo Haut-Languedoc é construído em torno das pessoas e não da realidade do terroir. Nada há em comum entre os tintos da zona xistosa setentrional, muito macios, e os tintos argilo-calcários, densos e estruturados da parte sul. Desde 2004, os setores de Berlou e Roquebrun foram individualizados. Fica bem no sopé dramaticamente escarpado de Cévennes e se beneficia do dinamismo da cooperativa dominante, cujos vinhos são vendidos sob o rótulo Berloup (os brancos também podem ser bons). Imprensado entre o leste de Minervois e Faugères, pode produzir tintos característicos que representam uma casa a meio caminho entre as influências Syrah e Grenache no onipresente Carignan. Como em todo o Languedoc, muitos dos vinhos mais interessantes são classificados como IGP ou Vins de Pays. Alguns produtores favoritos: Berlou Co-op, Borie la Vitarèle, Canet Valette, Canet-Valette, Hecht et Bannier, Ch Cazal-Viel, La Grange de Quatre Sous, Des Jougla, Mas Champart, Moulin de Ciffre, Navarre, Cave de Roquebrun, Viranel, Château Coujan e Domaines du Fraisse e des Jougla.

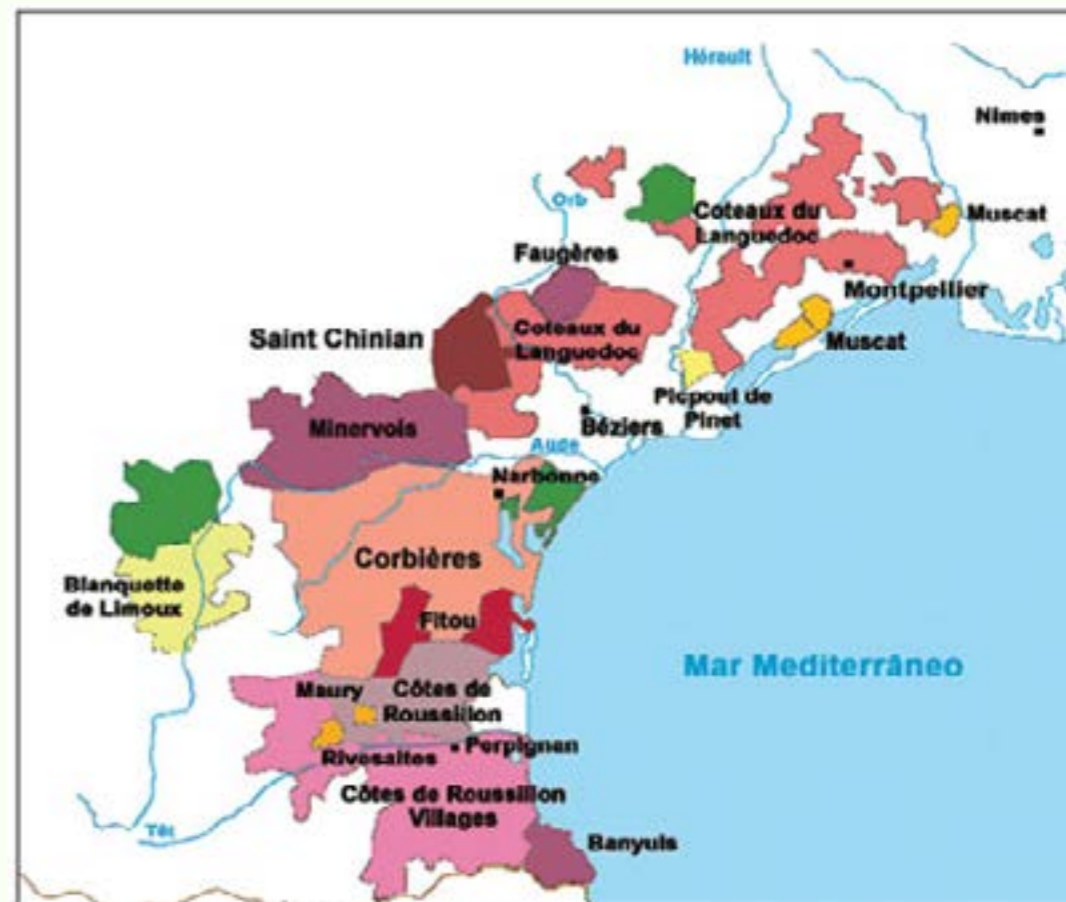
Faugères: aqui existe um potencial interessante para vinhos tintos em xisto, mais elegantes que a média da região. A denominação está fazendo um grande progresso em torno de misturas geralmente dominadas pela Syrah, mas nas quais Carignan e Mourvèdre são expressos com brio. Desde 2004, a denominação Faugères pode produzir vinhos brancos com seu nome. Tem um perfil semelhante, embora os vinhos aqui possam ser mais suaves e redondos do que os da vizinha St-Chinian. Alguns produtores favoritos: Dom Alquier, Dom Léon Barral, Ch des Estanilles, Ch de la Liquière.

Minervois: no canto noroeste do Languedoc, produz vinhos ligeiramente mais suaves e mais refinados do que Corbières, mas é bastante semelhante (e igualmente dominado por cooperativas com graus de habilidade extremamente variados). As colinas são mais suaves aqui, mas alguns dos vinhos mais característicos são produzidos no sopé das Cévennes, principalmente acima da antiga vila vinícola de La Livinière, que tem sua própria sub-denominação. Também é feita uma pequena quantidade de rosé seco e branco cada vez mais sofisticado. A produção agora é homogênea; algumas áreas estão acima em qualidade do resto nos últimos anos. Alguns críticos, como Jancis Robinso, dizem que gostariam de mais frescor e originalidade, e uma variedade de uva menos focada no Syrah. Alguns produtores favoritos: Clos Centeilles e Domaines Borie de Maurel, La Combe Blanche, Maris e Piccinini. Outros produtores que produziram vinhos excepcionais incluem Châteaux Coupe-Roses, de Gourgazaud, La Grave, Laville-Bertrou, d'Oupia, St-Jacques d'Albas, La Tour Boisé, Villerambert-Julien e, Domaine Ste-Eulalie.

Minervois La Livinière: esta distinção, dentro da denominação Minervois, reúne uma série de viticultores de qualidade, cujos vinhos são apresentados em um estilo redondo e suave.

Fitou: dividida em duas partes muito distintas (litoral e interior), esta antiga denominação possui verdadeiras vantagens para a produção de vinhos tintos profundos e estruturados. Apesar de algumas exceções, a qualidade geral permanece previsível, em um estilo mediterrâneo. Adegas cooperativas estão por toda parte. Incomum para o Languedoc uma denominação totalmente tinta, fica mais ao sul, no sopé árido dos Pirenéus, ao sul da região de Corbières. Seu enorme potencial ainda não foi atingido, talvez porque as cooperativas dominantes, com a admirável exceção da Cave de Mont-Tauch, demoraram a perceber que a qualidade é a chave para a sobrevivência. Alguns produtores favoritos de Jancis Robinson em Fitou são: Bertrand-Bergé, Cooperativa Castelmaure, Domaine Maria Fita, Cooperativa Cave Mont Tauch, Chateau de Nouvelles.

Corbières: esta vasta denominação produz muito, nem sempre o melhor. Existem muitas propriedades muito dinâmicas lá, que oferecem vinhos tintos melhores e mais bem construídos, especialmente em áreas como a Montanha Alaric. Notamos também o surgimento de setores de grande altitude para brancos e rosés. É uma denominação com dezenas de pequenos proprietários ambiciosos e dedicados determinados a persuadir as encostas variadas e secas da denominação a produzir vinhos tintos com aromas e sabores de ervas e levemente selvagens de qualidade real e integridade. Os tintos secos concentrados feitos aqui podem envelhecer bem, embora alguns dos rótulos mais baratos de Corbières (e Minervois) tenham um gosto um pouco melhor do que o Vin de France básico. Alguns produtores favoritos: Aussières, La Baronne, Caraguilhes, Cascadais, Clos de l'Anhel, Clos Perdus, Étang de Colombes, Fontsaïnte, Grand Crès, Lastours, Mansenoble, Les Ollieux, Les Palais-Rondolin, Pech-Latt, Révérend, Sérème, La Voulte-Gasparets.



OS ARTIGOS A SEGUIR SÃO REPRODUÇÕES DAS MATÉRIAS E ARQUIVOS VEICULADOS NOS PRINCIPAIS JORNAIS BRASILEIROS, QUE TRATAM DO TEMA, SENDO CITADOS SEM NENHUM VALOR DE JUÍZO, CORREÇÕES, INSERÇÕES OU CENSURA, PROCURANDO DIVULGAR A CULTURA DO VINHO ENTRE AS PESSOAS QUE RECEBEM O VINOTÍCIAS

“ETNA, REGIÃO DA ITÁLIA EM ERUPÇÃO” - JORGE LUCKI VALOR ECONÔMICO - 19/03/2021

Área da encosta norte do vulcão vem produzindo vinhos elegantes e equilibrados.

O panorama vinícola da Itália tem mudado bastante nos últimos anos, com a ascensão de regiões que não tinham muito prestígio. Ao longo do tempo, o Gambero Rosso, o mais importante guia de vinhos do país, vem constatando essa transformação: no início dos anos 90, quase 80% dos vinhos com pontuação mais alta do guia, os “Tre Bicchieri”, eram basicamente de rótulos da Toscana e do Piemonte, secundado por brancos do Friuli. Embora essas áreas tradicionais continuem em destaque, o quadro vem mudando gradualmente e não é mais possível ignorar as demais regiões (atualmente a proporção das três mais premiadas caiu 40%).

O cenário começou a mudar em meados dos anos 80 com o movimento de “consumo responsável” de bebidas alcoólicas, empenhado, em especial, pelos governos da França e da Itália, incitando os consumidores a beber menos mas melhor, corrente reforçada com a política da redução da produção proposta pela União Europeia aos países membros, que incentivava vinhateiros a arrancarem suas vinhas, indenizando quem o fizesse. Isso foi levado a sério, particularmente pelos produtores da Puglia e Sicília, que até então representavam 60% da produção vinícola da “Bota”, volume então composto majoritariamente por inexpressivos “vinos da tábua”. Esse número caiu agora para menos da metade – 17,4 e 8,5%, respectivamente – o que as coloca como segunda e quarta no ranking de maiores regiões produtoras de vinho e mosto da Itália... Leia a reportagem completa em: <https://valor.globo.com/eu-e-coluna/jorge-lucki-area-do-vulcao-etna-produz-vinhos-elegantes.ghtml>

“PORQUE OS VAREJISTAS ESTÃO VENDENDO “BABY WINES”?” - LETTIE TEAGUE THE WALL STREET JOURNAL - 31/12/2020

Com certeza parece haver ótimas ofertas de vinhos por aí. Nos últimos meses, recebi ofertas altamente elogiadas de “Baby Brunello” e “Baby Sancerre” e até mesmo de “Baby Bâtard-Montrachet” em e-mails de comerciantes de vinho.

A palavra “Baby” não aparecia nos rótulos, mas sim a forma como os vinhos eram caracterizados pelos vendedores - uma abreviatura que suspeito que na verdade confundiria muitos clientes. Em cada caso, o comerciante prometeu um valor excepcional, mas, além disso, o significado exato de “Baby” não estava claro.

Palavras de marketing associativo têm sido atreladas aos vinhos desde que os comerciantes os vendem. Por exemplo, Cabernet e Shiraz são rotineiramente chamados de “masculinos”, enquanto praticamente qualquer rosé é rotulado de “feminino”. O apelido de “baby” - um desenvolvimento bastante recente no jargão do marketing de vinhos - pode ser menos ofensivo, mas é realmente eficaz para vender vinho?

Fiquei perplexa com o termo - ou com seu uso um tanto impreciso - decidi perguntar aos varejistas o que eles querem dizer com ele e que tipo de sucesso tiveram ao usá-lo. Eu interroguei outros profissionais do vinho e amigos bebedores de vinho também. Eles gostaram ou mesmo entenderam a palavra quando ela é aplicada a um vinho?

Entrei em contato com Daniel Lipman, diretor de marketing e comércio eletrônico da Bottle King, um grupo de 15 lojas de vinhos e licores de Nova Jersey, sobre um e-mail que recebi da empresa em agosto. Ele anunciava um “Baby Barolo” - também conhecido como Rocca Giovanni Giaculin 2017 (US \$ 14). O Sr. Lipman me disse que um punhado de clientes perguntou o que a palavra significava. “Eles pensaram que o vinho era jovem e não estava pronto para beber”, disse ele.

Lipman pesquisou um pouco e descobriu que havia usado a palavra “B” quatro vezes em e-mails promocionais: uma para aquele candidato a Barolo, duas para aspirantes a Brunellos e uma vez para um vinho branco do Ródano. Para ele, anexar “Baby” a um vinho significa que ele não é tão bom quanto o vinho ao qual é comparado, e “provavelmente você está obtendo por um preço muito mais barato”. Não existe Barolo de \$ 14; o negócio real pode custar muitos múltiplos desse número... Leia a reportagem completa em: <https://www.wsj.com/articles/why-retailers-are-pushing-baby-wines-11609419003>

“O PLANO DO PÃO DE AÇÚCAR PARA VENDER R\$ 1 BILHÃO EM VINHOS ATÉ 2023” - SUZANA BARELLI

NEOFEEED - 21/03/2021

Rede varejista, que já é a segunda maior importadora da bebida do Brasil, cria um marketplace para aumentar a oferta em seu site e fazer dos vinhos um negócio bilionário.

Integração do online com as lojas físicas é fundamental para a venda de vinhos do Pão de Açúcar. Em 2020, o Pão de Açúcar vendeu mais de 20 milhões de garrafas de vinho em todo o País, um crescimento de 37% em comparação ao ano anterior. As vendas online de brancos e tintos trouxeram R\$ 140 milhões aos cofres da empresa, um avanço de 255% – a rede varejista controlada pelo grupo francês Casino não revela os dados das lojas físicas, apenas diz que elas vêm crescendo a uma taxa de mais de 50% desde 2018.

Esse desempenho fez do Pão de Açúcar o supermercado que mais importou vinhos no Brasil em 2020 e o segundo maior entre todas as empresas que trazem vinho para o País, atrás apenas da VCT, filial local da chilena Concha y Toro, segundo dados da consultoria Ideal Consulting. No total, a rede varejista representou 7% do total dos vinhos importados para o Brasil no ano passado.

Mas isso não significa que o Pão de Açúcar esteja feliz com o resultado. Ao contrário. A companhia está traçando um plano para que a área de vinhos atinja um faturamento de R\$ 1 bilhão até 2023. “Queremos ser a maior plataforma de comercialização de vinhos na América Latina”, afirma Rodrigo Pimentel, diretor de e-commerce alimentar do grupo Pão de Açúcar, ao NeoFeed.

O avanço passa pela criação de um marketplace, que entrou no ar no começo deste ano, abrindo espaço para que pequenos produtores, importadores, lojistas até os concorrentes possam vender vinhos na plataforma online do Pão de Açúcar.

Nesse início, já são dez parceiros que disponibilizam por volta de cinco mil itens na plataforma de e-commerce do Pão de Açúcar. Nesse modelo, a rede varejista ganha uma comissão a cada venda – o valor cobrado não é divulgado pela empresa.

Um dos parceiros é o TodoVino, plataforma online da importadora Intefood, teoricamente um concorrente do Pão de Açúcar. Com essa estratégia, a companhia aumenta o número de rótulos disponíveis online sem ter de desembolsar recursos nos custos de estoque e de distribuição. “O marketplace alavanca a venda do pequeno produtor, do importador, de quem precisa de audiência. Temos isso para oferecer com o nosso site”, afirma Pimentel.

O movimento de expansão do Pão de Açúcar acontece em um momento em que as vendas de vinhos estão em alta no mercado brasileiro. Em 2020, foram comercializados 501,1 milhões de litros, uma alta de 31%, segundo a Ideal Consulting. No ano passado, a venda de vinhos nacionais subiu 32,4%, enquanto os importados tiveram crescimento de 26,5%... Leia a reportagem completa em: <https://neofeed.com.br/blog/home/o-plano-do-pao-de-acucar-para-vender-r-1-bilhao-em-vinhos-ate-2023/>

“VINHOS PARA NOS LEMBRAR DA PRIMAVERA” - JANCIS ROBINSON

JR - 20/03/2021

Muito se fala e escreve sobre o que a natureza pode oferecer aos atualmente confinados para melhorar seu estado de ânimo. Uma floreira de janela, até mesmo um vaso de planta, é claramente alheia à pandemia. Mas o ciclo anual dos vinhedos sempre pareceu particularmente milagroso. Durante o inverno, sua matriz de tocos escuros selvagens parece especialmente inflexível. E, no entanto, a cada primavera, sem falta, surgem tenros brotos verdes, anunciando uma folhagem tão exuberante que muitas vezes tem de ser cortada para permitir que as uvas que resultam de suas pequenas flores tenham uma chance de amadurecer. Nesta época do ano, abandonado em um apartamento em Londres, invejo todos os viticultores com quem tenho contato.

Mas todos podemos desfrutar do milagre da primavera e da renovação do crescimento das videiras em forma líquida através de vinhos que parecem particularmente primaveris - e também desfrutar dos primeiros frutos da safra de 2020, já com um ano de idade no caso de algum hemisfério sul vinhos.

BRANCOS:

Dog Point Sauvignon Blanc 2020 Marlborough 13% - £ 14,95 The Wine Society - Este é um dos meus produtores favoritos de um dos vinhos favoritos do mundo. Esta propriedade da NZ é administrada por membros da configuração original de Cloudy Bay antes que seu Sauvignon Blanc se tornasse onipresente. Os fãs de borgonheses brancos Coche-Dury podem gostar de buscar o 2019, que tem ainda mais do caráter Coche de combinação perfeita.

Herbert Zillinger, Horizont Grüner Veltliner 2019 Baixa Áustria 12,5% - £ 16 The Real Wine Company - Baixo em nada além de álcool de um produtor decididamente biodinâmico. Repleto de extrato e sabor satisfatório com notas de canela e gengibre e um final seco, farináceo e persistente. Veja a continuação dos adoráveis 2019s da Áustria - de E a Z.

BOB abreviação de Kate Sauvignon Blanc 2020 Marlborough 13% - £ 16,49 Vinhos Bancroft - Rótulo do enólogo Ben Glover em memória de sua falecida irmã Kate, e um Marlborough Sauvignon mais complexo do que a maioria com notas verdes. Uma versão superior de um estilo de vinho muito apreciado.

Rolly Gassmann, Réserve Millésime Sylvaner 2019 Alsace 12% - £ 18,80 The Old Bridge Wine Shop - Ouro muito profundo para um vinho tão jovem. Nariz rico, pungente, aberto e largo. Muita diversão aqui e mais evidências de que Alsace Sylvaner pode ser um vinho seco seriamente interessante. Para ser desfrutado agora, com ou sem comida.

Lismore, Barrel Fermented Sauvignon Blanc 2017 África do Sul 13,5% - £ 18,99 Strictly Wine e outros independentes - 30% fermentado em ovo de concreto, o restante em carvalho de 500 litros, de um dos vinhedos mais frescos do litoral sul. Samantha O'Keefe produziu um vinho sério e substancial com muito mais vida do que muitos Pessac-Léognan. Final de secagem óssea. Provavelmente é melhor beber com comida. Persistência impressionante.

Loucura de Howard, Sonhador Branco 2018 Alentejo 13,3% - £ 19 Puxe a Cortiça - Primeira colheita de um lote de vinhas antigas de várias castas portuguesas cultivadas em granito e elaborado pelo imigrante australiano David Baverstock do Esporão. Apenas 15% foi envelhecido em grandes barris de carvalho para produzir um branco seco realmente distinto com uma textura acetinada e camadas de sabor cítrico.

Rafael Palacios, Louro Godello 2019 Valdeorras 14% - Cerca de £ 19 de vários independentes - Mistura de uvas Godello cultivadas em torno de O Bolo em vários dos pequenos lotes da Galiza em altitudes superiores a 600 m. Intenso, seco, concentrado, sofisticado. Exatamente o trabalho para aqueles que procuram uma alternativa confiável e econômica ao fino vinho branco.

ROSADOS

Waterkloof, Circumstance Cape Coral Mourvèdre Rosé 2020 Stellenbosch 13% - £ 11,39 - £ 13,99 vários independentes - Primavera em uma garrafa? Mas com muito mais sabor do que a maioria dos rosés muito claros. É feito com a mesma uva do famoso Domaine Tempier Bandol rosé. Tampa de rosca prateada inteligente. Muito amplo e lisonjeiro, com fruta bastante macia, mas com um impacto muito suave e acariciante no palato. Eu não envelheceria e é um rosé que felizmente poderia ser bebido tanto no inverno quanto no verão, mas é lindamente feito, com leve fumaça.

TINTOS:

Bononia, Gomotartzi Gamza 2019 Bulgária 12,7% - £ 8,95 The Wine Society, £ 10,50 The Old Cellar - Gamza é uma variedade de uva búlgara que produz vinhos frutados, bastante suaves, que bebem bem jovens e sem comida. Este, que cresceu perto do Danúbio, é um adorável vermelho primaveril com uma pequena nota de tamarindo. Inesperadamente persistente.

Dom de la Grosse Pierre 2019 Chiroubles 13% - £ 12,88 Howard Ripley (chegando em breve) Pauline Passot faz beaujolais translúcidos que estão seriamente subvalorizados. Perfumado, delicado, marcante na boca e muito refinado. O 2018 foi o vinho da semana.

Dom Jean-Marc Burgaud, Les Charmes 2019 Morgon 13% - £ 23 The Old Bridge Wine Shop

Isso tem o lado sedutor - mesmo ligeiramente apimentado - que tantos amantes do vinho procuram em um cru beaujolais. Adorável fruta picante e suculenta, bebida para mim... Leia a reportagem completa em: <https://www.jancisrobinson.com/articles/wines-remind-us-spring>

“RELEMBRANDO STEVEN SPURRIER, CUJO CONCURSO ABALOU O MUNDO DO VINHO” - ÉRIC ASIMOV

THE NEW YORK TIMES – WINES – 18/03/2021

Seu legado sempre será a degustação de Julgamento de Paris de 1976, mas menos conhecida foi sua defesa de vinhos inéditos de todo o mundo. Steven Spurrier foi um autor, educador, divertido orador e líder em degustações de vinho. Não encontrei Steven Spurrier mais do que meia dúzia de vezes ao longo dos anos, mas cada vez melhor.

Por um lado, o Sr. Spurrier, que morreu em 9 de março aos 79 anos, sempre me deixou com algo memorável.

A primeira vez foi em 2007 em Napa Valley, em uma conferência de escritores de vinhos. Não tínhamos nos conhecido antes e mal nos apresentamos antes dos discursos começarem. Enquanto uma pessoa falava monotonamente, ele me passou uma nota, a propósito de nada:

“Não se pode esperar subornar, nem torcer o honesto jornalista inglês. Mas, considerando o que os companheiros fazem sem suborno, não há razão para isso.” Isso me fez rir. Mais tarde, descobri que ele estava parafraseando Humbert Wolfe, um escritor inglês das décadas de 1920 e 1930. O Sr. Spurrier estava me provocando, zombando da suposta retidão de um escritor do Times navegando em águas turbulentas?

Talvez ele estivesse tentando me deixar à vontade, sabendo que apenas alguns anos antes eu substituíra meu predecessor, Frank J. Prial, que fora amigo dele em Paris.

A reputação do Sr. Spurrier nesta fase de sua carreira não poderia deixar de precedê-lo. Ele foi colunista da Decanter, a revista inglesa, por muitos anos. Ele foi um autor, educador, divertido orador e líder em degustações de vinhos.

Mas, acima de tudo, ele era conhecido por ter concebido e organizado o Julgamento de Paris, a famosa degustação de vinhos de 1976 na qual os vinhos americanos pouco conhecidos triunfaram sobre seus augustos congêneres franceses e conquistaram um ponto de apoio na percepção dos amantes do vinho em todo o mundo que tinham até então os dispensou.

Pouco depois de nos conhecermos, a degustação de 1976 foi homenageada na tela grande em “Bottle Shock”, no qual Alan Rickman interpretou o Sr. Spurrier. O filme contou a história do ponto de vista do Chateau Montelena, um dos vencedores. Mesmo que fosse clichê e esquecível, com que frequência um escritor de vinhos é um personagem de filmes?

Embora “Bottle Shock” tenha acrescentado pouca nota ao folclore do Julgamento de Paris, estou ansioso para ver um documentário da degustação que será lançado neste verão, de Jason Wise, o diretor da série “Somm”. O Sr. Spurrier foi entrevistado extensivamente para o projeto. Talvez forneça um companheiro perspicaz para o livro, “Julgamento de Paris”, escrito por George M. Taber, o único repórter a ter testemunhado o evento.

A segunda vez que encontrei o Sr. Spurrier foi na Inglaterra em 2011, onde viajei para escrever sobre o fenômeno relativamente novo do vinho espumante inglês. A essa altura, o Sr. Spurrier havia começado um dos atos finais de sua longa carreira, transformando uma fazenda de ovelhas em Dorset supervisionada por sua esposa, Bella, em um vinhedo para vinho espumante.

A visita deveria começar com um almoço na casa dos Spurriers na pequena vila de Litton Cheney. Por acaso, fui pego em um tremendo engarrafamento dirigindo para o oeste de Hampshire e o sistema GPS do meu carro foi bloqueado pelo costume inglês de identificar as casas por seus nomes afetuosos em vez de números de endereço. Eu estava horas atrasado.

Não importa, as boas-vindas foram calorosas como poderia ser, assim como o convite para visitar a adega do Sr. Spurrier para escolher um vinho para o nosso (muito tarde) almoço. A refeição foi preparada na hora e deliciosa. O Sr. Spurrier explicou seus planos para o vinho e a vinha, que se chamará Bride Valley Vineyard, e delineou sua estratégia para criar vários cuvées em vez de apenas um.

“Você precisa de dois vinhos”, disse ele. “Então, em vez de dizer, “Você gosta do meu vinho?”, Você pode dizer: “Qual dos meus vinhos você prefere?”.

Mais tarde, enquanto caminhávamos pelo jovem vinhedo, em um anfiteatro natural de solos calcários voltados para o sul, Bride Valley parecia uma visão idílica....
Leia a reportagem completa em: <https://www.nytimes.com/2021/03/18/dining/drinks/steven-spurrier.html>

FINAL DE ABRIL.2021 - VAMOS AO ... VALE DO SÃO FRANCISCO

Atualmente a vitivinicultura no Vale do São Francisco conta com cerca de 400 hectares de vinhedos, que produzem aproximadamente de 4 milhões de litros de vinhos finos tranquilos e espumantes por ano.

O vinho do Vale do São Francisco representa 15% da produção nacional. O clima semiárido, com temperatura média anual de 26°C e índice pluviométrico de 550mm concentrado nos meses de janeiro a abril, permite a produção de uvas durante o ano todo, sendo possível colher entre duas e três safras anualmente. Nesta produção, 70% dos rótulos são espumantes, 29% são vinhos tintos e 1% são de vinhos brancos.

Roteiro Final e Valores em construção.

INFOS & RESERVAS: Na **ZENITHE TRAVELCLUB** Consultoria e Operadora de Experiências EnoGastronômicas | Belo Horizonte | Tel: (31) 3225-7773 | Contato: fit1@zenithe.tur.br | <http://zenithetravelclub.blogspot.com.br>



ENOGASTRO SICÍLIA E MALTA - VIAGEM E EXPERIÊNCIA CULTURAL E ENOGASTRONÔMICA - SAÍDA GARANTIDA - 20.SET A 05.OUT.2021

2021 vem com muitas surpresas!!! Vinhos e Gastronomia da SICÍLIA E MALTA. A Sicília é a maior ilha do Mediterrâneo, separada da Itália apenas pelo Estreito de Messina, e possui uma forte tradição com os vinhos que começaram a ser produzidos na região ainda no século VIII A.C, quando chegaram os primeiros gregos com a intenção de construir colônias.

A Sicília é, depois do Veneto, a maior região produtora de vinhos do país. Em pouco mais de duas décadas a enologia siciliana saiu uma realidade pouco mais evoluída do que a da era greco-romana.

A ilha foi palco de diversas culturas. Povos muito diferentes ocuparam a Sicília: fenícios, gregos, cartagineses, vândalos, árabes, normandos e espanhóis.

Não à toa, seus monumentos históricos quase intactos e que são um passeio à parte, como Vale dos Templos de Agrigento, um imenso sítio arqueológico com vestígios de muitos templos, entre eles o do Zeus Olímpico ou o da Concórdia o melhor preservado de todos eles. Conhecer Montreale com sua bela Catedral de arquitetura normanda e seus mosaicos de ouro, os castelos da época das Cruzadas e as capelas de Palermo, além do próprio Etna.

Taormina é imbatível em termos de vistas panorâmicas na Sicília. Na ponta do penhasco está este o antigo teatro grego, que reina absoluto na região. Não bastasse ser uma estrutura incrível, com mais de 2 mil anos, o Teatro Antico de Taormina ainda tem uma das vistas mais estonteantes de toda Itália. Do alto de sua arquibancada, os espectadores tem o prazer de assistir a beleza do Mar Mediterrâneo bem aos seus pés, juntamente com Etna, o mais alto e mais ativo vulcão da Europa, que emoldura a paisagem de forma perfeita.



Há também Siracusa, uma das grandes urbes da Magna Grécia, por onde caminhavam Platão e Arquimedes (que aliás, nasceu em Siracusa).



A ilha é abençoada com o clássico clima quente e seco do Mediterrâneo, com dias ensolarados e baixo índice pluviométrico, proporcionando condições ideais para o cultivo de videiras. Além das uvas e do vinho, a região exporta cereais, azeitonas e frutas cítricas, base de sua economia durante séculos. A Sicília é uma ilha vulcânica, com ventos fortes, solo francamente mineral com muitas vinhas prefiloxéricas (ainda em pé franco). Uma experiência imperdível, adicionando novos sabores e saberes a cada um dos participantes do roteiro.

Malta está rapidamente se tornando uma das regiões vinícolas emergentes mais promissoras da Europa. Enquanto produtores tradicionais de vinho da ilha remontam a mais de 2.000 anos, os últimos anos viram um verdadeiro boom em termos de qualidade, graças ao clima mediterrânico, solos ricos e o trabalho de vinícolas locais.

Os vinhos de estilo moderno de Malta não são apenas agradáveis de beber, mas também carregam uma enorme curiosidade. Em primeiro lugar, eles mal estão disponíveis porque Malta é o menor país produtor de vinho independente do mundo; o arquipélago maltês forma uma gota do oceano global do vinho. O que é surpreendente em Malta é que, para o pequeno tamanho da ilha, há uma enorme seleção de vinhos brancos, tintos e rosés

Segundo, porque as variedades de uvas autóctones de Malta e Gozo têm muito fator de destaque, graças à sua individualidade. Tanto a Girgentina (para produção de vinho branco) quanto a Gellewza (uma variedade de casca tinta para tintos e rosés) são cultivares de uvas costeiras resistentes à filoxera. As videiras têm idade indeterminada, provavelmente com cerca de 50 anos, e ainda são frequentemente cultivadas a seco e cultivadas no método tradicional de vaso.

INFOS & RESERVAS: Na **ZENITHE TRAVELCLUB** Consultoria e Operadora de Experiências EnoGastronômicas | Belo Horizonte | Tel: (31) 3225-7773 | Contato: fit1@zenithe.tur.br | <http://zenithetravelclub.blogspot.com.br>

NOTÍCIAS ENOGASTRONOMICAS E DICAS

AS CASTAS ESQUECIDAS, MUITO ÚTEIS PARA REDUZIR O TEOR ALOÓLICO DO VINHO

Para equilibrar o grau alcoólico, que tende a aumentar com o aquecimento global, o viveirista Lilian Bérillon recomenda devolver um lugar às castas esquecidas.

O impacto do clima tem um efeito imediato nas castas, que é o aumento dos graus alcoólicos no interior dos bagos e, conseqüentemente, no vinho. Por outro lado, o aquecimento afeta as vinhas. Estão sofrendo e isso se reflete na qualidade dos vinhos.

Para enfrentar essas conseqüências do aquecimento global, os produtores de vinho devem estabelecer uma estratégia, e dois métodos são possíveis.

Em primeiro lugar, podemos conservar as castas principais fazendo-as coexistir com castas "secundárias", "esquecidas", que na altura não eram interessantes de cultivar porque os graus alcoólicos não eram suficientemente elevados. Mas hoje, eles têm seu lugar nas vinhas para compensar os graus muito altos.

Um segundo método pode consistir em migrar, do sul para o norte, outras variedades de uvas. Mas isso será um problema em termos de decretos de denominação, porque será necessário revisar todas as variedades de uvas! Não é isso que estou defendendo no momento.

Ainda há muita esperança para a viticultura com estas castas antigas, antes de ver a Syrah migrar para o Beaujolais! O cometário é de Lilian Bérillon, co-autora do livro "O dia em que não haverá mais vinho", no qual dá o alarme sobre o declínio da vinha francesa... Leia mais em: <https://www.larvf.com/les-cepages-oublies-tres-utiles-pour-diminuer-le-degre-d-alcool-dans-le-vin,4658269.asp> (Fonte – Revue du Vin de France - Denis Saverot e Geoffrey Avé – 19/03/2021).

REMUAGE, O PRIMEIRO PASSO PARA REMOVER OS DEPÓSITOS DE VINHOS ESPUMANTES

A remuage, se mal-feita, pode criar uma leve sensação de pó granulado e argila na boca. Etapa-chave na produção de vinhos espumantes, o "dégorgement" remove as borras e os depósitos que se formaram ao redor do gargalo da garrafa durante o amadurecimento na adega.

A remuage consiste em deslizar as borras e depósitos que se formaram em direção ao gargalo da garrafa para eliminá-los durante o despejo. Tradicionalmente, a operação era manual e realizada em cavaletes de madeira - as famosas mesas - de 120 garrafas. Todos os dias durante cerca de 4 semanas, as garrafas são agitadas.

Segurando-os pelo traseiro das garrafas, ele os vira um quarto de volta, às vezes para a esquerda, às vezes para a direita. Assim, os grandes depósitos arrastam os mais finos e os destacam do vidro. Então, ao longo dos dias, continuando essas rotações, ele gradualmente as endireita da horizontal para a vertical, de cabeça para baixo, a fim de deslizar os depósitos em direção ao pescoço... Leia mais em: <https://www.larvf.com/vin-remuage-cave-effervescent-depot-bouteille,4544473.asp> (Fonte – Revue du Vin de France – Florence Bal – 18/03/2021).

VINHOS ROSÉS DE PROVENCE SÃO O MAIOR CRESCIMENTO NAS EXPORTAÇÕES FRANCESAS

Os vinhos rosés das três denominações da Provence obtiveram o melhor desempenho francês para exportação em 2020, apesar dos impostos americanos e da crise da Covid-19, soubemos na segunda-feira, 15 de março, do Conselho Interprofissional de Vinhos da Provença (CIVP).

"Não estamos tão mal: temos uma diminuição nas vendas de vinhos comercializados pela vinha de -7% em 2020 em relação a 2019 em 1 milhão de hectolitros, mas continuamos a progredir nas exportações (+ 6% para 430.000 hl) enquanto todos os outros estão caindo, exceto a Borgonha", disse Brice Eymard, gerente geral desta associação que representa 600 vinícolas e comerciantes.

As vendas dos três AOCs, Côte de Provence, Côteaux d'Aix-en-Provence e Côteaux Varois en Provence, aumentaram nas exportações em 5,6%, para 4,9 milhões de caixas de 12 garrafas em 2020, quando todas as denominações francesas, exceto Borgonha (+ 1,4%) e os licores (+ 4,5%) caíram, com destaque para champanhe (-17%), de acordo com a Federação dos Exportadores de Vinhos e Bebidas Espirituosas (FEVS), que reúne 85% das exportadoras francesas.

Aumento do consumo de vinho rosé no exterior - Os rosés provençais, cujas propriedades estrela continuam a atrair investidores, como recentemente a casa Chanel que se expandiu na ilha de Porquerolles, também teve um ligeiro aumento de 0,7% para cerca de 297 milhões de euros em 2020, de acordo com

a FEVS. A Provence é o 6º maior vinhedo francês em valor. A França é o país que mais vende seus rosés para exportação, principalmente por causa da melhoria da qualidade. O preço de uma boa garrafa de rosé começa em torno dos 15 euros e pode ultrapassar os 100 euros para certas safras do Château d'Esclans, uma propriedade comprada no final de 2019 pela gigante de luxo LVMH e sua subsidiária Moët Hennessy.

Em detalhe, a sobretaxa de 25% sobre os vinhos e destilados franceses, introduzida pelo ex-presidente norte-americano Donald Trump e recentemente suspensa, levou a uma queda de 6% nas vendas de rosés provençais nos Estados Unidos em volume. Isso foi, no entanto, mais do que compensado por “um aumento no consumo de rosé no exterior, especialmente na Grã-Bretanha, Canadá, Holanda, Bélgica e Alemanha”, de acordo com o Sr. Eymard.

As vendas nos supermercados de rosés provençais também aumentaram 2% (para 290 mil hectolitros) e o pico turístico do verão com vendas na adega quase compensou as perdas do início do ano, segundo Eymard. A ausência de salões de consumo e o interminável fechamento de restaurantes impactaram o vinhedo... Leia mais em: <https://www.larvf.com/les-roses-provencaux-signent-la-meilleure-progression-francaise-a-l-export,4730817.asp> (Fonte – Revue du Vin de France – Equipe de Redação com AFP – 17/03/2021).